

**RELAÇÕES ENTRE A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DE DELIO
CANTIMORI E O PAPEL ÉTICO-POLÍTICO DA HISTÓRIA:
CONFLITOS COM O PARTIDO COMUNISTA E A
APROXIMAÇÃO COM A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA
CULTURAL DE JACOB BURCKHARDT (1950 – 1966).**

**THE RELATIONSHIPS BETWEEN DELIO CANTIMORI'S
INTELLECTUAL TRAJECTORY AND THE ETHICAL-
POLITICAL ROLE OF THE HISTORY: CONFLICTS WITH THE
COMMUNIST PARTY AND THE APPROXIMATION WITH THE
PERSPECTIVE OF THE CULTURAL HISTORY OF JACOB
BURCKHARDT (1950 – 1966)**

Felipe Araujo XAVIER*

Resumo: Em 1926, Delio Cantimori inscreveu-se no Partido Nacional Fascista, tornando-se um dissidente em meados de 1930, quando passou a apoiar clandestinamente integrantes do Partido Comunista Italiano. Todavia, durante a década de 1950, Cantimori também se decepcionara com o PCI, as políticas soviéticas e a gestão ideológica dos órgãos de cultura da esquerda. Nesse contexto, Cantimori começou a explorar a visão de J. Burckhardt sobre a História e a importância da organização da cultura para o desenvolvimento ético e moral do povo. Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar os conflitos entre Cantimori e integrantes do PCI, o seu desligamento do Partido Comunista, em 1956, e a influência das ideias burckhardtianas sobre a História nas reflexões de Cantimori relativas ao papel do historiador e à organização da cultura, entre 1957 e 1966.

Palavras-chave: Delio Cantimori; Partido Comunista Italiano; Jacob Burckhardt.

Abstract: In 1926, Delio Cantimori joined the National Fascist Party, becoming a dissident in the mid-1930s, when he supported clandestinely members of the Italian Communist Party. However, during the 50's, Cantimori had also been disappointed with the PCI, the Soviet policies and the ideological management of the organs of Left-wing culture. In this context, Cantimori began to explore J. Burckhardt's view about the History and the importance of the culture organization for the ethical and moral development of the people. Therefore, this paper aims to analyze the conflicts between Cantimori and members of the PCI, his disengagement from the Communist Party, in 1956, and the influence of the Burckhardt's ideas about the History in Cantimori's reflections about the role of the historian and the organization of the culture, between 1957 and 1966.

*Doutor em História – Programa de Pós-graduação em História – Departamento de História – UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, MG – Brasil. E-mail: felipearaujoxavier@yahoo.com.br.

Keyword: Delio Cantimori; Italian Communist Party; Jacob Burckhardt.

Durante sua trajetória intelectual, Delio Cantimori canalizou forte energia para a formação científica, ética e moral dos seus alunos e do povo italiano. Para além dos seus cursos voltados para temáticas como História da Religião, História Moderna, Historiografia, Filosofia da História, Metodologia e o ensino de História, o catedrático expandiu sua função de educador à de organizador da cultura e preceptor de atividades editoriais, com o objetivo de divulgar o conhecimento científico e ampliar as vias de formação civil do cidadão.

Esse interesse de Cantimori pela instrução da população o acompanhou pelas diferentes fases de sua vida acadêmica, como uma questão essencial levantada pela História ético-política italiana.

Desde o período no qual ainda era um estudante universitário marcado pelo republicanismo mazziniano de seu pai e pelas leituras joviais parciais e ecleticamente simpáticas ao nacionalismo de G. D'Annunzio, ao liberalismo antifascista de Piero Gobetti e ao idealismo de G. Gentile e de B. Croce, entre outras, Cantimori mencionava a importância do debate sobre a relação entre os estudos históricos, a educação das massas e os problemas da sociedade de seu tempo.

Em 1926, essa inquietude o impulsionara a se inscrever no Partido Nacional Fascista, acreditando ser a instituição política mais apropriada para a realização da verdadeira revolução republicana e sindicalista europeia, através de uma reforma social embasada na elevação da consciência histórica, crítica e moral do povo.

Decepcionado com o desenrolar do projeto de sociedade fascista, em meados da década de 1930, Cantimori lamentava a crise do Idealismo Atualista e o distanciamento do Corporativismo tomado pelas políticas militaristas de Mussolini e, gradualmente, depositava suas esperanças nas atividades clandestinas do Partido Comunista Italiano.

Por uma questão de consciência do seu passado fascista, seu registro no PCI foi realizado apenas em 1948, quando acreditava ser necessário reforçar o partido e a unidade da resistência antifascista de esquerda, em meio à abertura democrática. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 96)

Entretanto, o PCI também o desapontara com a maneira como regeu seus órgãos de cultura, os quais, no juízo de Cantimori, priorizavam a defesa de seus posicionamentos ideológico-propagandísticos, em detrimento do conhecimento científico da realidade histórica italiana e europeia. (VITTORIA, 2013)

Perante as manobras político-culturais comunistas, as notícias sobre as atrocidades cometidas pelo Governo de Stalin e a invasão da Hungria, realizada por Krushev, Cantimori se acolheu, paulatinamente, nas suas angústias pessoais e no universo dos estudos históricos, semeando dúvidas, historicizando visões e apresentando suas opiniões.

Estas atividades foram realizadas sob a forte influência das reflexões historiográficas de Jacob Burckhardt, expoente dos estudos histórico-culturais do Renascimento, também professor e homem de cultura atento aos problemas de seu tempo.

O “horror pela política” daqueles anos estimulava Cantimori em direção a um caminho que limpasse os “resíduos do desordenado período de 1948 – 1957”¹ (CANTIMORI, 1958, apud MANGONI, 2004, p. 64) e o levasse a garimpar uma nova reflexão histórica capaz de cobrir aquele vazio deixado pela descrença no projeto comunista.

Nesse contexto, em 1959, o intelectual italiano publicou sua tradução e introdução de *Meditazioni sulla storia universale*, de Burckhardt, e uma coletânea de artigos e resenhas de aspectos metodológicos, *Studi Storici*, onde fez uma longa citação referente aos ideais do filósofo e político Terenzio Mamiani, na qual o patriota enfatiza seu apreço pela difusão da ciência como meio de formação cultural do povo italiano. (CANTIMORI, 1959, p. XIII)

E foi dentro dessa mentalidade de transmissão do conhecimento histórico crítico que Cantimori também organizava um manual de História Geral para leitores não especializados e para a “(...) *escola* universitária e aquela média (para professores, preparação de concursos em liceu, etc.)”², dotado de um repertório ordenado cronologicamente, que abarcasse as

(...) principais ideias historiográficas (problemas) e também as principais controvérsias (questões superadas ou superáveis, por

exemplo a “culpa da guerra” depois de 1919, mas não totalmente entendido como superadas, etc.).³ (CANTIMORI, 1991, p. 812)

Seu objetivo era atingir o público alcançado pelo *Enciclopedia Treccani* e expandir-se para outros setores da sociedade, nos quais se encontravam pessoas cultas, mas não especializadas em estudos históricos. (CANTIMORI, 1991, p. 812)

Como ressaltou, em agosto de 1955, em seu artigo *Un trattato di buona storia*, tal projeto era inspirado nos manuais de História Geral dos alemães, que ajudavam

(...) na formação daquela instrução geral que devia depois constituir o fundamento dos seus trabalhos, tanto para quem tivesse realizado uma preparação preordenada, quanto para quem se direcionasse aos estudos históricos depois de erros em outros campos, seja grato àquelas coleções sistemáticas.⁴ (CANTIMORI, 1959, p. 752)

Na Alemanha, segundo Cantimori, essas reflexões sobre a organização do conhecimento científico e sua divulgação através dos manuais surgiram no final do *Settecento*, estiveram presentes na reforma da universidade prussiana, realizada por W. von Humboldt, e no modelo burckhardtiano de História Geral, chegando até a geração de Meinecke. (CANTIMORI, 1991, p. 814; CANTIMORI, 1959, p.752 – 753)

Nesse ponto relacionado à História Geral, em específico, o intelectual romanholo reforçava sua simpatia pelas reflexões de Jacob Burckhardt as quais entendiam a História Geral como uma linha universal descontínua, e a História como uma “(...) disciplina propedêutica às demais atividades posteriores mais determinadas e definidas”⁵, voltada para a educação civil e o desenvolvimento vocacional dos homens. (CANTIMORI, 1967, p. 84 e 85)

Portanto, a partir de livros, textos, cartas e artigos cantimorianos, esse artigo tem como objetivo abordar a reviravolta nas crenças políticas de Delio Cantimori durante os anos de 1950, quando, preocupado com o manejo do conhecimento histórico científico como ferramenta de elevação dos preceitos ético-morais do povo, o intelectual entrou em conflito com lideranças políticas do PCI.

Logo depois, também se almeja demonstrar como a ruptura entre Delio Cantimori e o PCI, consolidada em 1956, influenciou o intelectual italiano na sua aproximação das ideias de Jacob Burckhardt, as quais tratam a História como uma ciência propedêutica ligada à formação civil dos cidadãos, e que se tornaram uma das

principais bases das reflexões cantimorianas sobre o papel do historiador e a organização da cultura italiana, entre 1957 e 1966.

Os conflitos entre Delio Cantimori e o Partido Comunista Italiano.

Delio Cantimori foi um estudioso inquieto e inquietante, defensor da organização da cultura e semeador de dúvidas. (MANGONI, 2004, p. 62) Seu costume profissional de historicizar as atividades humanas, inclusive a própria escrita da História e seus paradigmas, marcou sua constante busca pela problematização de leituras apologéticas, propagandistas, confessionais e ideológicas, combatendo qualquer tipo de generalização, visões simplistas pautadas em esquemas rígidos de interpretação.

Contudo, foi durante a década de 1930, que Cantimori teve os primeiros impulsos para uma reformulação mais profunda das suas interpretações políticas, historiográficas e metodológicas.

Ao assistir a crise do Idealismo Atualista e o projeto militarista expansionista de Mussolini se sobrepôr ao corporativismo fascista, o intelectual romanholo despertava sua consciência crítica para a importância da filologia nos estudos históricos e na decodificação do universo político hostil que pairava nos ares europeus. A filologia se tornava a arma cantimoriana de combate a qualquer tipo de apelo ao irracionalismo como via de formação de um povo e consolidação de um Estado ou Nação.

Nessas condições, o ideal de Estado de Cantimori tomava uma conotação de instituição necessariamente racional e ordenadora dos instintos, em contraposição ao Nazismo e ao Fascismo.

Não obstante, com a alma maculada pelas mazelas e atrocidades realizadas pelo fascismo e o nazismo culminadas nas catástrofes da II Grande Guerra, Cantimori foi tomado pelo remorso do seu passado fascista, tornando-se ainda mais inquieto e crítico em relação à política e à necessidade de precisão da História como conhecimento científico.

Com esse espírito, o romanholo se inscreveu no PCI e passou a participar das suas políticas voltadas para a cultura italiana. Todavia, a relação entre Cantimori e representantes do PCI, entre outros líderes da esquerda, não foi a mais amistosa.

Segundo Albertina Vittoria, os primeiros conflitos, entre Cantimori e a direção de periódicos de esquerda, desenrolaram-se dentro do processo de mudança de direção da revista *Movimento Operaio*, durante os anos de 1952 e 53.

Em 1952, o comunista Giangiacomo Feltrinelli, mentor da *Associazione Feltrinelli* – importante centro de estudos sobre a História do Movimento Operário Italiano –, saiu em defesa da transformação da revista *Movimento Operaio* em um órgão interno da *Biblioteca Feltrinelli*. Naquele contexto, o periódico era dirigido pelo historiador socialista Gianni Bosio, o qual se posicionou contrário a essa decisão, defendendo a autonomia do periódico.

Visto o processo de hegemonia comunista nesses órgãos de cultura, sob a égide dos representantes Carlo Salinari, do PCI, e Raniero Panzieri, do PSI, foi apresentada a proposta de uma direção bipartidária, a fim de tentar solucionar o desacordo e manter sólidas as alianças entre os grupos de esquerda.

Por sua vez, Delio Cantimori teria se posicionado contra o bipartidarismo, acreditando que isso distanciaria os intelectuais e estudiosos independentes. Como solução, defendeu a candidatura de seu ex-aluno, Armando Saitta – o qual, na sua visão, representaria melhor esse grupo autônomo – ou uma direção coletiva de jovens acompanhados de um secretário eficiente, para sedimentar os acordos políticos. (VITTORIA, 2013, p. 27 – 29)

Com a demissão de Bosio, em julho de 1953, e o próprio nome de Cantimori foi cogitado por Feltrinelli, para ocupar a direção da revista. Entretanto, o convite foi negado pelo romanholo insatisfeito com o desacordo entre o então ex-diretor Bosio, a presidência da Biblioteca Feltrinelli, os membros do comitê de redação da revista *Movimento Operaio* e os redatores. (CANTIMORI, 1953, apud VITTORIA, 2013, p. 29)

Além da desordem interna, o intelectual também se aborreceu com o processo de concentração de poder nas mãos de G. Feltrinelli, o qual começava a exercer uma supremacia sobre a Biblioteca e a revista *Movimento Operaio*, o que, na leitura de Cantimori, era consequência da inconsciência e falta de seriedade dos jovens que deixavam suas intrigas ideológicas influenciarem em questões político-culturais. (VITTORIA, 2013, p. 30 e 31)

Naquele mesmo período, os grupos de esquerda também definiam a situação da revista de política e cultura *Società*, a qual havia vivenciado mudanças na sua direção, passando de Cesare Luporini para G. Manacorda, e na sua sede, transferida de Florença para Roma, onde se ligou à *Fundação Gramsci* e à editora *Einaudi*. (VITTORIA, 2013, p. 34)

Dentro dessas modificações, iniciaram-se debates internos sobre a função desse periódico como instrumento de organização cultural para o PCI e a criação de um novo semanário de viés mais propagandístico – com uma liderança ligada ao partido comunista –, já que a revista *Società* estava voltada para debates teóricos e científicos acadêmicos bem específicos, o que vinha desagradando setores ideológicos do PCI.

Nessa ocasião, o crítico literário marxista, Carlo Selinari, acusava a revista de sectária, intelectualmente elitista, direcionada para questões distantes da situação política atual e inadequada para servir como instrumento de promoção de um movimento político unitário e libertador da cultura italiana.

O antifascista e proprietário da editora Einaudi, Giulio Einaudi, reclamava da sua incapacidade de atingir grandes públicos, devido a seu academicismo e a sua “ostentação filológica”, que incapacitava a revista de se tornar uma ferramenta para incitar a circulação de ideias e interesses.

Em contraposição, G. Manacorda enxergava na revista, feita e redigida por comunistas, a responsabilidade de realizar uma profunda revisão da cultura italiana, não necessariamente ligada aos interesses políticos e às intenções propagandistas partidárias.

Por sua vez, Delio Cantimori posicionava-se sobre o caráter militante o que alguns intelectuais comunistas queriam dar à revista e reclamava da presença de uma burocracia acadêmica⁶ a qual o incomodara em outras situações internas ao relacionar constantemente a ação política do PCI com os órgãos de cultura comunistas. (VITTORIA, 2013, p. 35 – 37)

Apesar dessas pequenas querelas e desencontros, naquele contexto, Cantimori ainda alimentava sua admiração pela geração de jovens comunistas e suas produções historiográficas. Isso ficou patente em seu artigo *Note sugli studi storici in Italia dal 1926 al 1951*, datado de janeiro de 1952. (CANTIMORI, 1971, p. 268)

Nesse escrito, Cantimori definiu aquela geração, composta pelos historiadores Renato Zangheri, G. Manacorda, E. Ragioneri e A. Caracciolo, como jovens bem orientados metodologicamente, apesar de ainda manterem seus estudos em um estado fragmentário, se comparados com “(...) a geração dos melhores catedráticos italianos agora ainda mais ativos (E. Sestan, F. Chabod, C. Morandi [morto em 1949], W. Maturi)”⁷, os quais teriam vivido um tempo diferente, desfrutando da unidade dada pela *Scuola storica* italiana dirigida pelo historiador nacionalista e apoiador do fascismo, G. Volpe. (CANTIMORI, 1971, p. 271)

O estudioso ainda ressaltou a seriedade daqueles historiadores marxistas, o trabalho filológico e sua abertura para novos problemas os quais coincidiam com o interesse pelas reflexões metodológicas marxista-leninistas e gramscianas, apesar da ausência de uma preocupação mais profunda com a organização eficiente dos trabalhos, na visão cantimoriana, tão necessária para o avanço dos estudos históricos italianos. (VITTORIA, 2013, p. 53)

Entretanto, esse quadro modificou-se, paulatinamente, até culminar em uma situação de “conflitos de gerações”, a qual levariam Cantimori a redigir duras críticas ao mesmo grupo de jovens marxistas no seu texto *Epiloghi Congressuali*, publicado na revista *Società*, em cinco de outubro de 1955, onde tratou dos desdobramentos do X Congresso de ciências históricas.

Antes da publicação dos *Epiloghi* de Cantimori, em setembro de 1955, Ernesto Ragionieri publicou o artigo *La disputa storica* na revista marxista *Il Contemporaneo*, apresentando um comentário sobre o X Congresso, no qual enfatizou a importância da presença de estudiosos da URSS e dos países comunistas do extremo oriente, para a retomada das colaborações científicas internacionais e para a centralidade a qual o marxismo teria obtido nesse contexto, em relação à “historiografia oficial” ético-política italiana. (RAGIONIERI, 1979, p. 9 – 14)

Não obstante, em duas cartas enviadas à A. Giolitti, no mês de dezembro de 1954, o estudioso romanholo já vinha relatando sua decepção em relação à falta de seriedade daqueles jovens, exprimindo suas críticas aos estudos históricos da revista *Il Contemporaneo*, a qual, no julgamento cantimoriano, tendia a se tornar um órgão com o

intuito de concentrar colegas de profissão para combater adversários internos. (VITTORIA, 2013, p. 54)

E perante as palavras de Ragonieri, sobre o *X Congresso*, Cantimori ficou ainda mais irritado com a forma como alguns representantes do PCI comportavam-se em relação às políticas culturais.

Consequentemente, em seu artigo *Epiloghi Congressuali*, publicado em outubro de 1955 na revista *Società*, Cantimori deixava claro seu desacordo com as palavras do historiador marxista toscano, o qual, segundo o romanholo, utilizava erroneamente o termo “historiografia oficial” ao referir à historiografia ético-política italiana.

Não acredito que se possa dizer que na historiografia italiana existam correntes “oficiais” ou “mais oficiais” ou “menos oficiais”, embora exista o perigo de tendências fechadas do próprio Ragonieri e de outros corajosos jovens estudiosos que, me parece, tendem a se organizarem conscientemente em grupo ou escola.⁸ (CANTIMORI, 1959, p. 838)

O intelectual seguiu acusando Ragonieri de portar uma concepção limitada sobre a historiografia italiana, afirmando que, naquela ocasião, o colega marxista talvez tenha utilizado o termo “oficial” de forma generalizante, para designar os estudiosos mais velhos e constituir uma ideia de contraposição de uma nova historiografia de vanguarda “(...) marxista, representada por jovens (o próprio Ragonieri, o Procacci, o Mirri, o Cafagna, o Della Peruta, o Zangheri, o Caracciolo, o Villari, o Villani, o Santarelli, para fazer exemplo de caso)”.⁹ (CANTIMORI, 1959, p. 838)

Segundo Cantimori, nessa concepção geracional estava o ponto de apoio e união de Ragonieri e outros jovens marxistas, os quais se apartaram das demais atividades do *X Congresso*, participando apenas dos seus debates político-ideológicos preferidos e tendendo a constituir uma “igrejinha”.¹⁰

Dentro desse embate, Cantimori não economizou críticas à líder da delegação de historiadores soviéticos, Anna M. Pankratova, a qual, em seu entendimento, catalisou os anseios dos jovens marxistas, dando liga aos debates para a formação de um grupo fechado – a “igrejinha” – e reforçando as controvérsias entre ele e setores do PCI.

Como ressaltou Albertina Vittoria, essa crítica cantimoriana alimentou e propagou a polêmica, inserindo outros integrantes do partido na contenda. Por sua vez,

Mario Alicata teria pedido para Cantimori modificar a parte final dos *Epiloghi*, frisando a autoridade da historiadora russa, e ser mais gentil nas suas afirmativas em relação à Pankratova. (VITTORIA, 2013, p. 61)

Apesar de não ter sido possível realizar um contato com o texto original, pode-se constatar que Cantimori aceitou algumas intervenções, mas manteve parte de sua crítica à representante soviética nos *Epiloghi*:

Tive frequentemente a impressão de que alguns estudiosos soviéticos tivessem considerado e considerassem mais importante a afirmação ou a repetição de certos princípios metodológicos gerais (Scaskin, no seu *Dolcino*, como em várias intervenções; Pankratova na sua comunicação sobre historicismo e nas réplicas, Niconov sobre o Humanismo), do que a discussão crítica específica das várias questões propostas. Tive esta impressão, sobretudo, na comunicação de Pankratova. Nessa comunicação ocorreram afirmações generalizantes e inexatas sobre o historicismo, a ponto de igualar Croce e Spengler; críticas de vários congressistas sobre argumentos específicos (subjetivismo do pensamento de Croce, por exemplo) ou de caráter igualmente genérico (...). A réplica de Pankratova, ainda mais genérica, composta de reconhecimentos de impressões sobre as questões específicas e ainda de afirmações e anúncios de princípios (pessimismo – filosofia histórica das classes em decadência, otimismo – filosofia histórica das classes em ascensão e outros truísmos). É óbvio que perante uma plateia numerosa soaram estranhamente as declarações de não ter realizado uma preparação sobre o argumento tratado e a promessa de estudar melhor na próxima vez. Eu sou propenso a levar a sério aquelas declarações e esta promessa, mas vendo friamente as coisas, não posso não levar em conta de como alguém, e eu mesmo, tinha vontade de ironizar aquela excessiva simplicidade. Certamente, seria um erro querer tomar um posicionamento desse tipo, mediante um movimento de espírito, um caso singular e isolado como aquele de Pankratova.¹¹ (CANTIMORI, 1959, p. 843 e 844)

Por questões ideológicas, Mario Alicata tentava preservar Anna M. Pankratova, a qual havia sido nomeada diretora da revista soviética *Voprosy Historii*, em maio de 1953, e tentava renovar a historiografia e as instituições de cultura e estudos históricos soviéticos, alinhando as ciências históricas às decisões do XX Congresso do PCUS, combatendo o culto da personalidade, o dogmatismo e as conseguintes carências da historiografia russa.

Assim, a historiadora russa ambicionava fazer do periódico um instrumento de abertura para a publicação de estudos originais e para o conhecimento histórico dentro e fora da URSS, mesmo perante a resistência de funcionários mais ortodoxos do PCUS,

os quais a acusaram de revisar o leninismo e a história do partido. (VITTORIA 2013, p. 64)

Nesse contexto, já existia o interesse político e cultural de historiadores italianos ligados ao *Instituto Gramsci*, os quais haviam iniciado as colaborações com a revista russa, em 1954, quando um dos expoentes intelectuais do PCI, Ruggero Grieco, viajou para a União Soviética e retornou como porta-voz dos anseios da *Voprosy Historii*, conseguindo publicar uma resenha de R. Zangheri e um fragmento de um texto de Manacorda. (VITTORIA, 2013, p. 63 e 64)

Não obstante, o pedido de abrandamento de suas críticas não fez com que Cantimori se acalmasse perante o posicionamento dos jovens marxistas, acusando-os de ingerência nas questões ligadas à cultura e de “pankratovismo”, aludindo à submissão dos posicionamentos político-ideológicos dos representantes do PCI, em detrimento à organização da cultura italiana.

O romanholo ainda vivenciou mais polêmicas, dentro da desarmônica relação entre colaboradores das revistas ligados ao PCI, como no caso da publicação do texto de Carlo Muscetta, “*Metello*” e *la crisi del neorealismo*, na edição de 1955 da *Società*, o qual incitou juízos muito distintos dentro dos intelectuais marxistas.

O artigo teria sido atacado anonimamente – provavelmente por Salinari – na revista *Contemporaneo*, ao classificar a visão de Muscetta como uma típica leitura de um intelectual pequeno-burguês. Diante do caso, Togliatti pedia uma maior disciplina no partido, sugerindo a publicação do escrito de Muscetta, junto a uma réplica. Posição contraposta por Manacorda e pelo próprio autor do artigo, que temiam incentivar uma discussão feroz entre as revistas comunistas.

Não obstante, Cantimori tinha se simpatizado com o artigo e se irritado ainda mais com o caminho tomado pelas discussões político-partidárias e pela falta de uma gerência firme dos órgãos de cultura. (VITTORIA, 2013, p. 65 e 66)

Os desacordos internos e pessoais entre o romanholo e os gestores culturais dos órgãos do PCI tornaram-se, paulatinamente, insuportáveis. As irritações de Cantimori entrelaçavam-se com os debates suscitados pelas notícias relacionadas às atrocidades cometidas por Stalin, desveladas publicamente por Nikita Khrushchov, no XX

Congresso do PCUS, a Revolta da Hungria e a crise que atingiu os intelectuais comunistas, o PCI e sua burocratização.

Dessa maneira, a descrença cantimoriana no comunismo, como via de formação civil do povo italiano, estava instalada, não somente porque teria descoberto as barbaridades stalinistas – já que acreditava que Stalin não teria sido o único responsável por tudo –, mas devido a sua insatisfação com o posicionamento dos homens de cultura do partido e da desorientação mental a qual Cantimori passava naquele momento, abalando sua autoconfiança em ser capaz de compreender a política da sua época, perante tantos embates intelectuais, intempéries internas e externas e decepções. (VITTORIA, 2013, p. 72 e 73)

Em uma passagem já citada por Luisa Mangoni e retomada por outros estudiosos, como A. Vittoria, em vinte e oito de março de 1956, após pouco mais de um mês do *XX Congresso do PCUS*, Cantimori anotava uma pequena lista de erros que acreditava ter cometido em sua vida:

Os meus grandes erros: 1. Ter acreditado que entendia alguma coisa de política e ter me empenhado em um dever “mazziniano”; 2. Ter acreditado naquilo que disseram meu pai e o advogado Marassi ou Magrassi em Abbazia, que os fascistas haviam feito a revolução. 3. Não ter saído do estéril moralismo rousso-mazziniano (...) 4. Pular entre os comunistas. 5. Inscrever-me no PCI. 6. Deixar os meus estudos para traduzir Marx, etc. Do primeiro (n. 3) erro geral: necessidade de gastar, inquietude, maus tratos à pobre Emma, desordem nas compras, falta de economia, etc., velhice precoce. Por resto, se limitar aos próprios estudos. O único remédio. Acabar polidamente uma vida desordenada e poeirenta.¹² (CANTIMORI, 1956, apud VITTORIA 2013, p. 73)

Apesar da forte angústia que tomava o intelectual romanholo, a gota d’água veio com as atitudes tomadas por alguns representantes do PCI, em relação à Revolta da Hungria.

Naquele momento em que muitos intelectuais italianos e estudantes universitários mobilizaram-se a favor da democratização dos regimes comunistas, a organização sindical *Confederazione Generale del Lavoro* apresentou um comunicado, condenando os métodos antidemocráticos soviéticos. (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 124)

Por sua vez, o PCI promoveu debates no jornal *L'Unità*¹³ e organizou uma carta, com cento e uma assinaturas de intelectuais italianos, a qual deveria ter sido publicada por um órgão de informação comunista, mas vazou, em trinta de outubro, para uma “agência burguesa de informação”. (VITTORIA, 2013, p. 96)

Devido a tal polêmica interna, em três de novembro, foi promulgada, no diário *Unità*, uma nova carta, com apenas sessenta assinaturas, das cento e uma. Em meio a essa confusão, Giuseppe Berti pediu a assinatura de Cantimori, que a negou, tendo, então, de apresentar uma justificativa, pela posição contrária:

Não “compartilho plenamente”, de fato – estas suas motivações –, da posição tomada por Togliatti e pela direção do PCI. Isto não quer dizer que eu tenha uma opinião contrária ou que eu compartilhe daquela opinião da carta mencionada (que não conheço por inteira, mas somente pelo *Giorno*). Isto quer dizer somente que não consegui formar uma opinião definida sobre os acontecimentos. Quero dizer que estou tão profundamente desorientado que não consigo entender o que está acontecendo, por isso não me sinto bem em assiná-la. Não acredito que isto seja falta de solidariedade ou de confiança, mas é dever ser claros, em um momento como estes, mesmo que somente sobre a falta de clareza que um pode ter.¹⁴ (CANTIMORI, 1956, apud VITTORIA, 2013, p. 97)

Em quatorze de novembro, Berti entrou em contato com Cantimori, dizendo que não havia apresentado a carta do mesmo aos representantes do PCI, pois a situação teria se aquietado. Ainda seguiu dizendo ter avisado aos correligionários apenas que Cantimori estava perplexo com a situação e queria mais informações e, em nenhum momento, havia afirmado “(...) alguma coisa que pudesse soar como dissenso com a linha do Partido no momento presente”.¹⁵ (BERTI, 1956, apud VITTORIA, 2013, p. 98)

Essas informações irritaram profundamente Cantimori, fazendo com que o intelectual respondesse Berti com uma carta áspera, enviada no mesmo dia do recebimento do aviso:

Veio, pediu declaração escrita, a recebeu e não a comunicou. Ao invés comunicou somente uma parte daquilo que te disse, dando às minhas palavras um significado diferente daquilo que tinham e no contexto com tudo aquilo que havia dito e escrito mesmo que pessoalmente. Sinto muito, mas é você que me leva a te escrever que não disse, não queria dizer e não quero dizer essas palavras que você atribuiu a mim: “em nenhum caso farei qualquer coisa que possa soar como dissenso com a linha do partido no momento presente”. Ao invés, tinha falado o bastante e com energia da necessidade de discutir e manifestar

dissensos, como coisa indispensável para a clareza. Reivindico o direito de discordar se, quando acreditar ser claro e achar certo discordar. Se agora, nesses dias e semanas, estou perturbado e comovido e não enxergo claramente, não me parece justo que me faça dizer pela sua iniciativa aquilo que não disse e simplifique o sentido daquilo que eu disse. Este modo de proceder, com pobres professores e intelectuais como eu, serve só para provocar indignação, para aumentar a diferença e para esmagar o sentido de solidariedade. Comunique isto a quem quiser, e te peço para não conversar mais comigo; será melhor para todos.¹⁶ (CANTIMORI, 1956, apud VITTORIA, 2013, p. 98)

Dáí em diante, Cantimori mergulhou, novamente, em um sentimento de forte desilusão política e uma profunda crise existencial, deixando para trás sua crença no marxismo e nas políticas culturais do PCI como via para a formação civil do povo. Em onze de dezembro de 56, escreveu a C. Luporini, informando-lhe a impossibilidade de renovar a sua carteira do partido.

Essa dor veio a ser comparada àquela vivenciada nos anos 30, quando o governo fascista o decepcionara, ao esvaziar o projeto de elevação cultural do povo italiano e europeu. Em carta enviada para Mirri, em quinze de novembro, um dia após seu litígio com Berti, Cantimori documentava os seguintes sentimentos pessoais:

Caro Mario,

Eu me sinto como em 1933, em Viena, e em 1934, em Berlim, depois em Zurique e em Londres, quando descobri “*Giustizia e libertà*”, os escritos de Lênin, a socialdemocracia vienense, conheci alguns operários vienenses e as famosas casas populares-fortalezas, a Ação Católica de Dollfuss e o caráter negativo do fascismo, que acreditava ser a revolução italiana, forma italiana de síntese entre socialismo e patriotismo. O nacional-socialismo também foi responsável por me abrir os olhos. Em seguida, as armas e os disparos de uma Viena insubordinada (e depois se discutiu se um dos mortos havia saudado a fuzilação com o grito de viva a liberdade e viva o comunismo) me faziam entender que coisa era o fascismo e cair as últimas ilusões sobre o seu caráter revolucionário e renovador. Então ainda tinha a esperança em coisas novas: na G. L., nos comunistas, nos socialistas. Agora, tudo é árido, tudo é cinza, tudo é escuro, não vejo mais nada de vivo no partido, nem sobre e nem entorno de mim; mas de que realmente devo entender depois de ter sido enganado uma segunda vez na vida? Certamente, entendi que não entendo nada de política, verdadeiramente nada. Cestina [Luporini] me dizia que a perturbação gerada pelos acontecimentos na Hungria era só entre os intelectuais, não entre os operários, ou os camponeses. Mas eu sou um intelectual completamente errado e me recordo como fui zombado pelo operarismo ou pela fé cega nas razões espontâneas dos operários e camponeses. Estas coisas não me chamam mais a atenção. Mas

Página | 72

Felipe Araujo XAVIER

História e Cultura, Franca, v. 6, n. 3, p.59-83, dez-mar. 2017.

estou realmente cansado e não me sinto mais capaz de compartilhar, mesmo sozinho, em silêncio, as responsabilidades dessa gente. Se não, silêncio absoluto e retiro completo no passado.¹⁷ (CANTIMORI, 1956, apud VITTORIA, 2013, p. 94 e 95)

Era o colapso de um mundo, seguido por um caos espiritual o qual impulsionou Cantimori a resgatar corriqueiramente seu passado político tortuoso, junto a um sentimento de orgulho e nostalgia de parte da sua geração de historiadores empenhada na ciência histórica como atividade ético-política e no estudo filológico, como ferramenta para a formação crítica da população, e deixar as ideologias política de lado, para aprofundar-se nos estudos sobre J. Burckhardt, seu pessimismo e sua concepção de História como ciência propedêutica voltada para a formação do cidadão.

Delio Cantimori e Jacob Burckhardt: a História e a formação civil do cidadão.

Não houve momento mais favorável político e culturalmente na vida de Cantimori para que ele se aproximasse das obras de Jacob Burckhardt como na década de 1950. As reflexões do basileense sobre a História entendida como uma disciplina propedêutica se viu encaixar e se harmonizar com os velhos interesses cantimorianos sobre a crítica histórica, o papel do historiador e a formação civil do povo, ocupando o vazio deixado pelas suas desilusões politico-intelectuais em relação ao Idealismo Atualista, o Fascismo, o Materialismo Histórico e o Partido Comunista Italiano.

A História como disciplina propedêutica voltada para a formação do cidadão e de seus dotes vocacionais. Foi essa a principal questão desenvolvida no prefácio da obra de J. Burckhardt, *Le Meditazioni sulla storia universale*, no qual Cantimori insistiu sobre a importância do estudo da História não apenas para especialistas e sim para todos aqueles que se interessassem pela expansão da compreensão crítica do universo que os permeiam. (CANTIMORI, 1971, p. 141)

Não obstante, segundo Cantimori, o discurso burckhardtiano voltava-se para pessoas relativamente cultas, que teriam desenvolvido a consciência na qual o estudo da História se apresentava como imprescindível à educação do cidadão e de suas responsabilidades civis.

(...) [o] autor se importava, sobretudo, em comunicar ao seu público o interesse pela história “universal” ou “geral” como ampliação e

Página | 73

Felipe Araujo XAVIER

História e Cultura, Franca, v. 6, n. 3, p.59-83, dez-mar. 2017.

elemento de consciência crítica e como fundamento da liberdade de juízo. Consciência crítica e liberdade de juízo no sentido de independência e capacidade autônoma de orientação, sem o escrúpulo, não no sentido da “Reflexion”, do criticismo genérico e precipitado de tendência a intervir sobre cada questão, com base em preconceitos progressistas.¹⁸ (CANTIMORI, 1971, p. 157)

Assim, a função real do historiador seria levar essa consciência crítica da realidade histórica para a população, com o intuito de apresentar as questões dentro da

(...) imparcialidade do historiador e do estudioso de história que queira realmente entender a história propriamente, tomada por si só e não em função deste ou daquele Estado, Igreja, ou outra instituição, ou como exemplificação desta ou daquela doutrina.¹⁹ (CANTIMORI, 1971, p. 156)

Não obstante, como afirmou Luisa Mangoni (2004, p. 68), as afinidades de Cantimori com o pensamento burckhardtiano ultrapassaram o campo teórico-metodológico e educacional. Gerava no intelectual romanholo uma autorreflexão sobre um Burckhardt no qual se encontravam “(...) elementos contraditórios, incertezas, dúvidas, antinomias, de modo a fazer pensar numa insegurança, numa ambiguidade, numa inquietude e numa timidez fundamentais”.²⁰ (CANTIMORI, 1971, p. 146)

Essa identificação pessoal e profissional com o basileense também passou a se traduzir na sua ironia em relação à política, no pessimismo e na crítica à Filosofia da História herderiana, hegeliana e schellingiana. (CANTIMORI, 1971, p. 147)

(...) o estudioso que não considera ser útil aprofundar-se histórica e criticamente nos mistérios das consciências, nas questões psicológicas e “existenciais”, poderá observar que Burckhardt entendia, sobretudo, compreender e fazer compreender, conhecer, todos e vários aspectos e momentos da história com as suas contradições e as suas incertezas. A sua contestação de uma “filosofia da história” é a contestação de uma interpretação da história com escopos educativos ou edificantes, pedagógico-moralísticos ou patrióticos, não somente, mas também entendida em função de uma particular concepção.²¹ (CANTIMORI, 1971, p. 146)

Para Cantimori, a negação do “desenvolvimento” ou do “desenrolar” da Filosofia da História, característicos do pensamento historicista, vinha concretizada pela importância a qual Burckhardt deu à cultura como força móvel e transformadora, que refutava o sentido de “progresso” e reforçava o ideal de “processo” histórico,

contestando a visão historicista finalista, sem deixar de observar o dinamismo do homem no tempo. (CANTIMORI, 1971, p. 148)

Dessa maneira, Cantimori frisava as indicações de J. Burckhardt sobre a necessidade de estudar o conflito entre as três forças motrizes da História, para que se pudesse entender o processo histórico e aprofundar na educação civil: “(...) a política na sua realidade de Estado (aparato estatal de governo), a Religião na sua realidade de organizações eclesiais ou sacerdotais (...)”,²² que tendiam ao posicionamento conservador, em contraposição à Cultura como representante da inovação e da mobilidade histórica. (CANTIMORI, 1971, p. 149)

Segundo Cantimori, a percepção burckhardtiana sobre a fragilidade da Cultura perante as outras potências também despertou no estudioso basileense a consciência dos limites do papel do historiador, o qual deveria se voltar para a pureza do conhecer e do compreender.

Assim, uma das funções do historiador era garantir um julgamento independente e privado de “ilusões providencialistas ou finalistas” e colocações sobrenaturais, que levassem em concepção as reais possibilidades de ação dos representantes da cultura e o “(...) exato cumprimento dos próprios deveres de professor e cidadão: seriedade científica”.²³ (CANTIMORI, 1971, p. 138)

Tal discurso direcionava-se para a definição da ciência histórica e seu caráter autônomo insubordinado, o qual, em Burckhardt, materializava-se na História Geral ou Universal, (CANTIMORI, 1971, p. 141) fornecendo, na leitura de Cantimori, o quesito necessário para que o estudo da História obtivesse o status de ciência, pois, nas palavras do romanholo, a “história não seria ciência histórica (...) se perdesse o sentido daquilo que exatamente se chama ‘história universal’ ou ‘geral’”.²⁴ (CANTIMORI, 1959, p. 803)

Dentro do seu entendimento de História Geral, destituída de uma linha universal contínua, para Cantimori, Burckhardt teria indicado, implicitamente, uma nova via de pesquisa a qual objetivava a investigação dos problemas por meio de questões mais vastas do que a limitada “especialização técnico-monográfico”, e menos expandidas em superfície do que a História Universal. Entretanto, ainda insistia no seu gosto

cosmopolita basileense, o qual fazia de sua História Geral uma prática diferente da História da Pátria. (CANTIMORI, 1971, p. 158)

Delio Cantimori também ressaltou a atenção burckhardtiana para aquilo que era típico e permanente

(...) que sobrevive, que é vital, não transeunte, estrutural e não superficial. Em suma, aquele elemento humano fundamental e elementar pelo qual o antigo utopista podia fantasiar “conquistas” do futuro depois realizadas e o estudioso, o “historiador” de hoje, pode conhecer e fazer conhecer Heródoto ou Moisés (sempre sem muitas ilusões).²⁵ (CANTIMORI, 1971, p. 148)

Na visão do intelectual italiano, essa leitura era a lição dada pelos estudos de Nicolau Maquiavel e seu realismo pessimista, acompanhado pelo ensinamento sobre as características elementares dos homens, as quais dariam a possibilidade de colher o que seria constante na história do ser humano. (CANTIMORI, 1971, p. 148 e 149)

Não obstante, em acordo com o juízo burckhardtiano sobre a debilidade do ofício do estudioso de História, Cantimori afirmava, na edição de março e abril de 1961 da revista *Itinerari*, que, em sua opinião, o próprio termo “historiador” parecia soberbo e pouco claro e a sua atividade de investigador dos fatos históricos, pouco segura, sendo reconhecida entre outros profissionais da cultura, como

(...) filósofos (também quando se chamam historiadores e historiadores da filosofia), juristas, literatos, críticos, filólogos, exatamente porque o estudo da história deu-lhes uma modéstia maior (que não é ceticismo!), e não somente no sentido psicológico-pessoal, mas também por conta da sua própria profissão.²⁶ (CANTIMORI, 1967, p. 64 e 65)

No artigo enviado para a edição de julho-agosto da mesma revista, Cantimori ressaltava o valor educativo do pessimismo burckhardtiano e sua contemplação sobre a História. Segundo o estudioso italiano, esse pessimismo abria seus olhos para o radicalismo de roupagem niilista, visto como uma fase característica e necessária para superar as ilusões da época de Burckhardt, e que poderia servir para meditar sobre a obrigação de educar com o intuito de superar as ilusões do período o qual o romanholo vivenciava naquele contexto.

Delio Cantimori também refletia sobre a dificuldade de Burckhardt e do estudioso de História, no geral, em exercer esse papel de “profeta retrospectivo” ou

“voltado para o passado”, a fim de entender, sem fantasias, o processo dinâmico da História o qual gerou aquela dada situação, sem presságios que buscassem prever “(...) um certo tipo de futuro, criticando a própria época e as suas ilusões”.²⁷ (CANTIMORI, 1967, p. 82)

Por sua vez, com a definição de pesquisa narrativa histórica do historiador inglês, G. M. Trevelyan, Cantimori evocava a necessidade do historiador de “Fazer entender que o passado foi real como o presente e incerto como o futuro.”²⁸ (CANTIMORI, 1967, p. 74)

De alguma forma, essa máxima e suas ideias soavam harmonicamente com a crítica cantimoriana à leitura visionária de J. Huizinga no seu livro *Nelle ombre del domani* – obra publicada pela Einaudi, em 1964, com o título *La crisi della civiltà*, a contragosto de Cantimori – quando, em tempos de crise e escuridão, comportou-se mais como um profeta direcionado para o amanhã. (CANTIMORI, 1971, p. 343 e 357)

Em seu prefácio publicado em 1962, o romanholo retomava suas escolhas intelectuais e políticas joviais, ironizando o seu posicionamento em uma resenha desse mesmo livro de 1936, quando, segundo o próprio Cantimori, ele “(...) entrava afadigadamente na estrada do historicismo integral e absoluto (...)”,²⁹ sentindo que não deveria mais deixar aquele caminho libertador do seu provincianismo ravennense. (CANTIMORI, 1971, p. 358)

A partir dessa reminiscência, o romanholo veio a declarar seu interesse e necessidade de defender um estudo mais aprofundado da cultura *metteleuropea*, para captar o significado o qual contornava aquelas reflexões de Huizinga e o peso daquela história intelectual e cultural do final do século XIX, até 1956. Seu intuito era evitar confusões e dispersões sobre as ideias e abordagens historiográficas as quais dominaram e ainda se mantinham hegemônicas em ambientes italianos e não italianos. (CANTIMORI, 1971, p. 354)

Naquela obra, enfatizou Cantimori, Huizinga não era um contemporâneo, mas um homem de outra época, herdeiro da grande cultura universitária de Língua Alemã, a qual, com seu caráter antifascista, antinazista e antirracista, buscava combater as degenerações daquela cultura e de uma concepção de história e de vida social. (CANTIMORI, 1971, p. 356)

Não obstante, na leitura do intelectual italiano, as propostas de Huizinga não eram de ação, mas, sim, “(...) de um grito de angústia de um homem de outro mundo, no perceber que esse seu mundo se desfaz, que esse seu período se fecha, que aquela sua época está por acabar”.³⁰ (CANTIMORI, 1971, p. 357)

Além disso, o historiador holandês fazia parte de uma aristocracia cosmopolita, sobre a qual escrevia e falava com base filosófico-confessional de tipo protestante-liberal, com tendências aristocrático-eclesiásticas católicas, próximas de Lessing, Kant, Goethe e Schiller, e com forte presença da energia nietzschiana de “crítica à própria época” e da “crítica à civilização”. (CANTIMORI, 1971, p. 356)

O mesmo Nietzsche cujo, em maio de 1961, Cantimori afirmava ter utilizado uma linguagem oracular sobre as contradições de cada conceito moral e científico, em cartas enviadas à J. Burckhardt, amigo o qual se calava na sua limitação consciente e modesta de estudioso de História. Burckhardt silenciava-se, em especial, quando o filólogo alemão voltava-se para o assunto do nascimento e a vida dos futuros super-homens na Terra.

Por sua vez, o historiador basileense mantinha-se em seu pessimismo cômico sobre os limites do professor e do estudioso autônomo e, mesmo se interessando por grandes problemas levantados por Nietzsche, não quis confrontá-los na teoria, optando por não “deixar uma religião para entrar em outra”, como teria feito Nietzsche, segundo Cantimori, com seu tom entusiasta apostólico. (CANTIMORI, 1967, p. 86 e 87)

Seguindo esse caminho, o intelectual romanholo negava qualquer tentativa de entendimento finalista direcionado a uma leitura do futuro e entrava em acordo com Jacob Burckhardt, na defesa da História como disciplina propedêutica, com a função de dar base para a organização da cultura e formação do cidadão. (MANGONI, 2004, p. 70)

A partir desse posicionamento educativo-instrutivo, em cartas publicadas na revista *Itinerari*, Cantimori mirou sua atenção, novamente, na importância do modelo pedagógico do editor moderno einaudiano e no exercício de tradução e circulação de obras importantes, para o debate historiográfico italiano.

Os próprios livros de F. Nietzsche foram alvos dessas reflexões de Cantimori, o qual, alimentado pelo receio em relação ao irracionalismo nietzschiano, defendia que

suas obras deveriam ser acompanhadas de uma apresentação capaz de abarcar tanto os aspectos positivos quanto os negativos daquele pensamento, assim como o professor, normalmente, apresenta suas críticas aos textos trabalhados em seus cursos.

Considerações finais.

Quando Delio Cantimori se aproximara do PCI e do materialismo histórico, já não se atrevia mais a escrever textos intrinsecamente político-apologéticos, como fazia na sua juventude fascista. Agora, o romanholo carregava um forte desejo de se empenhar nas políticas culturais do PCI, nos trabalhos editoriais, junto à editora *Einaudi*, e nos seus cursos universitários.

Porém, após assistir o fechamento partidário de jovens intelectuais comunistas, passou a acusá-los de promoverem atos de ingerência e burocratização da organização da cultura italiana, ao seguir posicionamentos político-ideológicos ligados ao comunismo soviético maculado pelas notícias das atrocidades cometidas pelo governo de Stalin e pela invasão da Hungria.

Naquele contexto, Cantimori chegou à convicção de ser incapaz de tecer uma compreensão do seu universo político contemporâneo. (MANGONI, 1991, p. XLI) Seus textos sobre historiografia começaram a ser marcados pela nostalgia de sua geração de historiadores, empenhados em leituras históricas ético-políticas, pautadas em métodos e interpretações filológicas incompatíveis com os pressupostos ideológicos partidários.

Tais sentimentos fizeram com que Cantimori se aproximasse mais da tradição histórico-cultural burckhardtiana, de seu pessimismo, seu cientificismo e de sua concepção de História como uma disciplina propedêutica. Essa posição supriria parte do vazio deixado pela decepção com as políticas do PCI, fazendo com que Cantimori se firmasse em seu trabalho de homem de cultura na formação civil do povo italiano, através das suas reflexões históricas e historiográficas e suas ações em prol do debate sobre a organização da cultura italiana.

A partir disso, o intelectual romanholo refletia sobre a função de bibliotecas, arquivos, universidades e da disciplina História. Isso também levou Cantimori a meditar sobre problemas historiográficos e históricos do século XIX: o conflito entre o

pensamento histórico de J. Burckhardt e L. von Ranke, os projetos de Estado basileense e berlinense, os ideais do Pequeno Estado suíço e do Estado Potência alemão.

O estudioso até mesmo começara a trabalhar na publicação de um novo livro, o qual seria intitulado *Storia della Cultura Italiana*. A ideia de escrever essa obra surgiu com a solicitação de G. Einaudi por uma republicação revisada do principal livro cantimoriano, *Eretici italiani del Cinquecento*, em 1952. Pedido o qual foi sendo reavaliado durante os anos de 1950 e 1960, em meio a mudanças de perspectivas, reflexões e leituras.

Em 1959, Delio Cantimori ressaltava seu empenho nesse novo livro, o qual dialogava com trabalhos secundários, preparatórios e complementares à sua obra de História Geral, (CANTIMORI, 1991, p. 804) que o instigava naquele momento de aproximação com o modelo de ensino universitário humboldtiano e a historiografia basileense burckhardtiana.

Entretanto, seus projetos seriam interrompidos naquele mesmo ano de 1966, com a morte de Cantimori. Personagem complexo, de uma riqueza inestimável para o campo historiográfico, despediu-se sem deixar completa essa obra entre outros legados à historiografia italiana.

Assim partiu o estudioso e intelectual italiano, fazendo jus à heterodoxia dos homens sempre inquietos e ávidos pelo saber. Um semeador de dúvidas, constantemente inserido no exercício de busca por respostas jamais entendidas como absolutas. Delio Cantimori deixou páginas em branco e uma infinidade de possibilidades para se pensar sobre o que poderia ser publicado naquele novo e, provavelmente, marcante trabalho propedêutico sobre a História da Cultura italiana.

Referências

- CANTIMORI, Delio. *Studi storici*. Torino: Einaudi, 1959.
_____. *Politica e storia contemporanea*. Torino: Einaudi, 1991.
_____. *Conversando di storia*. Bari: Editori Laterza, 1967.
_____. Da Jakob Burckhardt, *Meditazione sulla storia universale*, Sansoni, Firenze, 1959, p. XXV – LX. In: _____. *Storici e storia*. Metodo, caratteristiche e significato del lavoro storiografico. Torino: Giulio Einaudi editore, p. 131 – 171, 1971.

_____. Johan Huizinga, *La crisi della civiltà*. Torino: Einaudi, 1964. In: _____, *Storici e storia*. Método, caratteristiche e significato del lavoro storiografico. Torino: Giulio Einaudi editore, p. 343 – 363, 1971.

CHIANTERA-STUTTE, Patricia. *Delio Cantimori: un intellettuale del Novecento*. Roma: Carocci, 2011.

MANGONI, Luisa. Delio Cantimori e l'organizzazione della cultura. In: *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. V. IX, serie IV, Pisa: Unione Stampa Periodica Italiana, p. 61-78, 2004.

RAGIONIERI, Ernesto. La disputa storica. In: MASELLA, Luigi. *Passato e presente nel dibattito storiografico*. Storici marxisti e mutamenti della società italiana 1955-1970. Antologia critica. De Donato.

VITTORIA, Albertina. La “ricerca oggettiva”: il rapporto fra la politica e la cultura per Gastone Manacorda e Delio Cantimori. Introduzione al carteggio. In: *Delio Cantimori, Gastone Manacorda. Amici per la storia – Lettere 1942-1966*. Roma: Carocci editore, 2013.

¹ No original: “(...) residui del disordinato período 1948-1957”. (tradução minha)

² No original: “(...) scuola universitaria; e a quella media (per gli insegnanti e per la preparazione dei concorsi: liceo ecc)”. (tradução minha)

³ No original: “(...) principali idee storiografiche (problemi) ed anche delle principali controversie (questioni superate o superabili; p. es. La questione della “colpa della guerra” dopo 1919; ma non a tutti note come superate, ecc.)” (tradução minha)

⁴ No original: “(...) nella formazione di quella istruzione generale che doveva poi costituire il fondamento dei loro lavori: tanto che avesse compiuto una preparazione preordinata, quanto chi si fosse avvicinato agli studi storici dopo erramenti in altri campi, era grato a quelle raccolte sistematiche.” (tradução minha)

⁵ No original: “(...) disciplina propedeutica alle attività ulterior più determinate e definite”. (tradução minha)

⁶ O termo recorrentemente utilizado por Cantimori para se posicionar crítica e ironicamente às políticas culturais internas do partido foi “burocracia acadêmica”. Dessa maneira, decidi traduzi-lo como “burocracia acadêmica”.

⁷ No original: “(...) la generazione dei migliori cattedratici italiani ora più attivi (E. Sestan, F. Chabod, C. Morandi [morto nel 1949], W. Maturi). (tradução minha)

⁸ No original: “Non ritengo si possa dire che nella storiografia italiana ci siano correnti “ufficiali” o “più ufficiali” o “meno ufficiali”, benché il pericolo di tendenze chiuse ci sai, e proprio da parte del Ragionieri e di altri valenti giovani studiosi, i quali mi sembra tendano a organizzarsi consapevolmente in gruppo o scuola.” (tradução minha)

⁹ No original: “(...) marxista, rappresentata da Giovanni (il Ragionieri stesso, il Procacci, il Mirri, il Cafagna, il Della Peruta, il Zangheri, il Caracciolo, il Villari, il Villani, il Santarelli, per fare esempi a caso). (tradução minha)

¹⁰ Delio Cantimori utilizou o termo “chiesuola”, o qual pode ser traduzido como “igrejinha”, ou um grupo de pessoas que confessam as mesmas ideias. Levando em concepção o teor das críticas de Cantimori, optei pelo termo pejorativo “igrejinha”. (CANTIMORI 1959, p. 838)

¹¹ No original: “Ho avuto spesso l'impressione che alcuni studiosi sovietici avessero ritenuto e ritenessero più importante la affermazione o la ripetizione di certi principi metodologici generali (Scaskin, nel suo Dolcino, come in vari interventi; la Pankratova nella sua comunicazione sullo storicismo e nelle repliche; Nikonov sull'Umanesimo) che la discussione critica specifica delle varie questioni concrete proposte. Questa impressione me l'ha lasciata soprattutto la discussione della comunicazione della Pankratova: nella comunicazione, affermazioni generiche e inesatte sullo storicismo, fino ad accomunare il Croce e lo Spengler; critiche da parte di vari congressisti, o su argomenti specificissimi (soggettivismo o meno del pensiero del Croce, per esempio) o di carattere altrettanto generico (...); replica della Pankratova ancor più generica, composta di riconoscimenti d'impreparazione sulle questioni specifiche, e ancora di riaffermazioni ed enunciazioni di principio (pessimismo – filosofia storica delle classi in discesa, ottimismo – filosofia storica delle classi in ascesa, e altri truismi). È ovvio che sui numerosissimi

ascoltatori abbiano fatto strano effetto le dichiarazioni di non compiuta preparazione sull'argomento trattato e la promessa di studiare meglio per la prossima volta. Per conto mio son propenso a prendere sul serio quelle dichiarazioni e questa promessa; ma, guardando freddamente le cose, non posso non rendermi conto del come a qualcuno, e a me stesso, venisse voglia di far della ironia su quella eccessiva semplicità. Certo, sarebbe un errore voler elevare a posizione tipica, mediante un motto di spirito, un caso singolo e isolato come quello della Pankratova.” (tradução minha)

¹² No original: “I miei grandi sbagli: 1. Credere di capire qualcosa di politica, e fermene un dovere “mazziniano”; 2. Credere quello che si dissero mio padre e l'avv. Marassi o Magrassi ad Abbazia, che i fascisti la rivoluzione l'avrebbero fatto loro. 3. Non tirarmi fuori dallo sterile moralismo rousso-mazziniano (...) 4. Saltare fra comunisti. 5. Iscrivermi al PCI. 6. Lasciare i miei studi per tradurre Marx, etc. Dal primo (n.3) errore generale: bisogno di spendere, irrequietezza, maltrattamenti alla povera Emma, disordine nelle spese, mancanza di economia, etc., vecchiaia precoce. Per il resto, ritirarsi nei propri studi. L'unico rimedio. Finire pulitamente una vita disordinata e polverosa.” (tradução minha)

¹³ *L'Unità* foi um jornal criado por Antonio Gramsci, em 1924, tornando-se um órgão de informação do PCI.

¹⁴ No original: “Non “condivido pienamente”, infatti – queste le sue motivazioni –, “la posizione presa sugli avvertimenti ungheresi da togliatti e dalla Direzione del Pci”: questo non vuol dire che abbia opinione contraria, o che condivida quella della lettera accennata (che fra l'altro non conosco per intero, ma solo dal *Giorno*); questo vuol dire *soltanto* che sono così profondamente disorientato che non risco a capire quello che sta succedendo; perciò non me la sento di firmare: non credo che questo sia mancanza di solidarietà o di fidúcia; ma è dovere essere chiari; in momenti come questi, anche solo sulla mancanza di chiarezza che uno può avere.” (tradução minha) Nessa passagem, Cantimori refere-se ao artigo de P. Tagliatti, *Sui fatti d'Ungheria*, in: *Unità*, de trinta de outubro de 1956. O artigo do jornal milanês *Il Giorno* é de P. glorioso, *Un richiamo a Di Vittorio?*, de trinta de outubro

¹⁵ No original: “(...) qualcosa che potesse suonare dissenso con la linea del Partito nel momento presente.” (tradução minha)

¹⁶ No original: “Sei venuto, hai chiesto dichiarazione scritta, l'hai avuta, non l'hai comunicata; hai invece comunicato una parte sola di quello che ti ho detto, dando alle mie parole un significato diverso da quello che avevano, e nel contesto con tutto quello che ti ho detto e scritto, e anche da sole. Mi dispiace, ma sei tu che mi provochi a scriverti che *non ho detto*, e *non intendevo* dire, e *non* intendo dire quelle parole che tu mi hai attribuito: “*in nessun caso farò qualcosa che possa suonare dissenso con la linea del partito nel momento presente*”. Ti avevo invece parlato a lungo e con energia della necessità di discutere e manifestare disensi, come cosa indispensabile per la chiarezza. Rivendico il diritto di dissentire se, quando crederò di veder chiaro, troverò giusto dissentire. Se ora, in questi giorni e settimane, sono turbato e commosso e non vedo chiaro, non mi sembra giusto che tu mi faccia dire di tua iniziativa quello che non ho detto e semplifichi il senso di quello che ho detto. Questo modo di procedere, con poveri professori e intellettuali come me, serve solo a provocare indignazione, ad aumentar la diffidenza, e a sfasciare il senso di solidarietà. Comunica questa a chi ti pare, e, ti prego, non cercare più colloqui con me ; sarà meglio per tutti.” (tradução minha)

¹⁷ No original: “Caro Mario, Io mi sento come nel 1933 a Vienna e nel 1934 a Berlino, poi a Zurigo, e a Londra: quando scopersi “Giustizia e libertà” e gli scritti di Lenin e la socialdemocrazia viennese, e conobbi qualche operaio viennese, e le famose case popolari-fortezze, e l'Azione Cattolica di Dollfuss e il carattere negativo del fascismo che credevo rivoluzione italiana, forma italiana di sintesi fra socialismo e patriotismo: fu anche il nazionalsocialismo ad aprirmi gli occhi. Ma allora, mentre le cannonate e le fucilate di Vienna insorta (e poi si discusse se uno dei morti avesse salutato la fucilazione col grido di viva la libertà e viva il comunismo) mi facevano capire cos'era il fascismo e mi facevano cadere anche le ultime illusioni sul suo carattere rivoluzionario e rinnovatore, – allora c'era la speranza in cose nuove: in G. L., nei comunisti, nei socialisti. Ora, tutto è arido, tutto è cenere, tutto è buio, non vedo più nulla di vivo nel partito né in alto né intorno a me; ma che davvero debba capire una seconda volta nella vita di essermi ingannato? Certo ho capito che non chapisco niente di politica, proprio niente. Cesarino [Luporini] mi diceva che il turbamento per i fatti di Ungheria è solo fra gli intellettuali, non fra gli operai, o i contadini. Ma io sono intellettuale márcio, e mi ricordo come sono stato schernito per operaismo o per fede cieca nelle ragioni spontanee degli operai e contadini. Non mi fanno più effetto queste cose. Ma proprio sono stanco e non me la sento più di condividere, anche col solo silenzio, le responsabilità di questa gente. Se no, silenzio assoluto e ritiro completo nel passato.” (tradução minha)

¹⁸ No original: “(...) all’autore importava soprattutto comunicare al suo pubblico l’interesse per la storia “universale” o “generale” come ampliamento ed elemento di consapevolezza critica e come fondamento della libertà di giudizio. Consapevolezza critica e libertà di giudizio nel senso di indipendenza e capacità autonoma di orientamento, spregiudicatezza, non nel senso della “Reflexion”, del criticismo generico e frettoloso tendente a intervenire su ogni questioni, in base a pregiudizi progressisti.” (tradução minha)

¹⁹ No original: “(...) imparzialità dello storico e dello studioso di storia che voglia realmente capire la storia stessa, presa per sé, non in funzione pubblicista, o pedagogica o edificante, in funzione di questo o quello Stato, Chiesa, o altra istituzione, o come esemplificazione di questa o quella dottrina.” (tradução minha)

²⁰ No original: “(...) elementi contraddittori, incertezze, dubbi, antinomie, tali da far pensare a una insicurezza, a una ambiguità, a una inquietudine e a una timidezza fondamentali.” (tradução minha)

²¹ No original: “(...) lo studioso che non ritenga utile storicamente e criticamente sprofondarsi nei misteri delle conscienze, nelle questioni psicologiche ed “esistenziali”, potrà osservare che il Burckhardt intendeva soprattutto comprendere e far comprendere, conoscere, tutti i vari aspetti e momenti della storia con le loro contraddizioni e le loro incertezze. Il suo rifiuto di una “filosofia della storia” è rifiuto di una interpretazione della storia a scopi educativi o edificante, pedagogico-moralistici o patriottici, non solo, ma anche intesa in funzione di una particolare concezione;” (tradução minha)

²² No original: (...) la politica nella sua realtà di stato (aparato statale, di governo), la religione, nella sua realtà di organizzazioni ecclesiastiche o sacerdotali (...). (tradução minha)

²³ No original: “(...) esatto adempimento dei propri doveri di insegnante e cittadino: serietà scientifica.” (tradução minha)

²⁴ No original: “(...) la storia non sarebbe scienza storica (...) se perdesse il senso di quello che appunto si chiama “storia universale” o “generale”” (tradução minha)

²⁵ No original: (...) che sopravvive, che è vitale, non trasnuente, strutturale e non superficiale. Insomma, quell’elemento umano fondamentale ed elementare per il quale l’antico utopista poteva fantasticare “conquiste” del futuro poi realizzate, e lo studioso, lo “storico” di oggi può conoscere e far conoscere Erodoto o Mosè (sempre senza troppe illusioni). (tradução minha)

²⁶ No original: (...) filosofi (anche quando si chiamano storici e storici della filosofia), giuristi, letterati, critici letterari, filologi, proprio perché lo studio della storia gli há insegnato una modestia maggiore (che non è scetticismo!), e non soltanto nel senso psicologico-personale, ma anche per conto della sua stessa professione. (tradução minha)

²⁷ No original: (...) un certo tipo di futuro criticando la propria epoca e le sue illusioni. (tradução minha)

²⁸ No original: “Far capire che il passato è stato reale come il presente, e incerto come il futuro.” (tradução minha)

²⁹ No original: “(...) entrava faticosamente nella strada dello storicismo integrale e assoluto.” (tradução minha)

³⁰ No original: (...) grido d’angoscia di un uomo di un altro mondo, nell’accorgersi che questo suo mondo si disfa, che questo suo período si chiude, che quella sua epoca sta per finire. (tradução minha)